

FOI HÁ 65 ANOS

Maio de 1945.

A Alemanha nazi, seis anos depois de ter desencadeado a guerra, está derrotada. Adolf Hitler suicida-se.

Em Portugal, Salazar rende-lhe uma última homenagem, decretando luto nacional.

Berlim rende-se às tropas soviéticas.

A Alemanha nazi desmorona-se e os seus generais assinam, em 7 e 8 de Maio perante os aliados da coligação antinazi (URSS, EUA, Grã-Bretanha, e França), a rendição sem condições.

É o fim da Segunda Guerra Mundial, na Europa.

Na Ásia ela vai continuar ainda alguns meses.

Sob os escombros das cidades, nos cemitérios improvisados e nas valas comuns, jazem 50 milhões de mortos.

Mais de metade são soviéticos.

Abrem-se as portas dos campos de concentração nazis e ao mundo, estupefacto, é revelado todo o horror do maior crime jamais cometido contra a humanidade: o assassinio bárbaro de milhões de homens, mulheres e crianças.

Meses depois, em Agosto, Hiroshima

e Nagasaki, com o Japão já derrotado, são arrasadas por bombas atómicas lançadas pelos EUA.

É o início da chantagem atómica.

Terminou há 65 anos a mais terrível guerra imperialista de todos os tempos.

É necessário afirmar a verdade sobre os acontecimentos, combater o branqueamento do nazi-fascismo e destacar os que mais consequentemente lhe resistem: os comunistas e os seus aliados.

**PARA QUE
NUNCA MAIS
ACONTEÇA!**



Hitler não explica tudo

O nazismo alemão, com o seu chefe Hitler, tornou-se a expressão mais acabada e brutal do fascismo, na sua forma de ditadura terrorista, agressão e crime. Mas já noutros países os fascistas se tinham apoderado do poder através de golpes antidemocráticos: na Itália, com Mussolini, em 1923, em Portugal, com o golpe de 28 de Maio, que levou Salazar ao poder. Em poucos anos, os fascistas apoderaram-se do poder na Hungria, Áustria, Polónia, Roménia, Bulgária. Mais tarde em Espanha, com Franco, apoiado por Hitler, Mussolini e Salazar.

O ascenso do fascismo na Europa fez-se nas condições da «grande depressão» que nos anos 30 abalou os países capitalistas mais desenvolvidos lançando-os numa grave crise social e política. Hitler, com a sua demagogia, aproveitou-se dos sentimentos de frustração, desespero e desejo de desforra na Alemanha, após a derrota de 1918. Teve o seu avanço facilitado pelo enfraquecimento das forças progressistas alemãs após o esmagamento do movimento revolucionário em 1919, e pelas hesitações e cedências da social-democracia alemã, com a sua recusa da unidade antifascista. Ganhou forças, tomou o poder com o seu partido nazi nas eleições de 1933 e implantou a sua ditadura terrorista com o apoio e ao serviço do grande capital financeiro alemão. Este não só via com bons olhos o conteúdo ideológico fundamental do nazismo (nacionalismo, racismo, xenofobia e anticomunismo exacerbados), como estava interessado no seu programa de militarização, liquidação das liberdades democráticas, expansão territorial e dominação mundial de uma «nova ordem» fascista.

Em 1933 foi criado em Dachau (Munique) o primeiro campo de concentração nazi. Acolheu inicialmente dois mil presos políticos, na sua maioria comunistas. Mais tarde chegaram os judeus. Calcula-se que os nazis tenham liquidado nos campos de extermínio 11 milhões de pessoas.



A Guerra podia ter sido evitada

Em Setembro de 1939 os exércitos nazis invadiram a Polónia, iniciando a Segunda Guerra Mundial. Mas a guerra começou muito antes, com a remilitarização da Alemanha e a sua expansão territorial, a qual beneficiou da complacência dos círculos dirigentes imperialistas, interessados no esmagamento das forças progressistas da Europa, seduzidos pelo ódio anticomunista promovido pelo nazismo e esperançados em virar contra a URSS as ambições alemãs duma nova partilha do mundo.

A Inglaterra e a França consentiram na militarização alemã (1936), na intervenção militar de Hitler e Mussolini contra a República Espanhola (1937/39), na anexação da Áustria (1938), negociaram com Hitler o Pacto de Munique (1938) que permitiu o desmembramento e ocupação da Checoslováquia, inviabilizaram os acordos propostos pela URSS para garantir a defesa dos países ameaçados pela agressão hitleriana. Hitler teve o caminho aberto para se lançar na guerra.



Os exércitos fascistas à conquista do mundo

Em meados de 1941, dois anos após o início da guerra na Europa, a Alemanha nazi e os seus aliados do «Pacto Anti-Komintern» (o Pacto anticomunista assinado em 1936/37 com a Itália e o Japão) ocupavam vastos territórios na Europa, África e Ásia.

O Japão, que já ocupara em 1931 a Manchúria e retomara em 1937 a invasão da China, iniciava a ocupação do Sueste Asiático e do Pacífico e preparava a agressão aos Estados Unidos (Dezembro de 1941).

A Itália, além das suas colónias africanas (Líbia, Somália, Eritreia), invadira a Etiópia (1935), a Albânia (1939) e a Grécia (1940).

A Alemanha, ante a inacção militar e a cumplicidade política dos governos ocidentais e dos Estados Unidos, que deixaram aberto o caminho aos exércitos alemães e à sua «guerra relâmpago», tinha nas mãos, entre países ocupados e cúmplices, praticamente todo o território da Europa Ocidental e Central, com o seu enorme potencial humano, económico e militar.



O princípio do fim da Alemanha nazi

Em Junho de 1941 as tropas nazis iniciam a invasão da URSS. Hitler pensava poder apoderar-se facilmente de novos recursos para as suas ambições de domínio mundial. O comando alemão, fiado nos êxitos da «guerra relâmpago», esperava liquidar o exército soviético em oito a dez semanas. Nos primeiros meses de guerra o exército alemão ocupava grande parte do território europeu da URSS, do Báltico ao Cáucaso. Mas frente a Moscovo (Dezembro de 1941) o exército nazi sofre a sua primeira grande derrota. Quebrou-se o mito da invencibilidade da Whermacht.

De 1941 a 1944 o peso do esforço de guerra recaiu fundamentalmente sobre a URSS. Em Janeiro de 1943 os soviéticos rompem o cerco de Leninegrado. Poucas semanas depois (Fevereiro 1943) a derrota e rendição dos exércitos alemães em Estalinegrado marcam a viragem decisiva da guerra. A libertação do território soviético ocupado termina nos primeiros meses de 1944. Inicia-se a batalha pela libertação da Europa Oriental e Central.

Em Junho de 1944 os aliados ocidentais, com o desembarque da Normandia, abrem finalmente a Frente Ocidental. Combatiam nessa data na Frente Leste 92 por cento das tropas terrestres da Alemanha nazi. Na Frente Leste foram derrotadas 607 divisões da Alemanha (176 na Frente Ocidental) e 75 por cento da sua aviação, artilharia e tanques.

A força vitoriosa da unidade antifascista



A unidade das forças antifascistas e patrióticas, em cada país e entre as várias nações, expressa na Coligação dos Países Aliados e nos movimentos da Resistência, nos países ocupados – com os comunistas como núcleo determinante na libertação dos respectivos territórios –, foram a força poderosa que levou finalmente à derrota os exércitos do fascismo.

A contra-ofensiva soviética, após Estalinegrado, forçou as tropas nazis a um recuo que só parou em Berlim. Nas Conferências de Teerão (1943) e Yalta (1944) consolida-se a Coligação Aliada, decide-se a abertura de uma segunda Frente na Europa Ocidental, é tomado o compromisso da cooperação militar até à derrota total da Alemanha nazi, o apoio a uma ordem democrática na Europa e a criação da Organização das Nações Unidas.

Na Itália, Mussolini cai em 1943, após o desembarque anglo-americano na Sicília. Em Julho de 1944, com o desembarque da Normandia, abre-se finalmente a segunda Frente. Em toda a Europa a Resistência participa activamente na libertação dos seus países, acolhendo de braços abertos os exércitos aliados. Em Maio de 1945, Hitler está cercado em Berlim e suicida-se. O exército soviético toma a cidade em 2 de Maio. A Alemanha capitula incondicionalmente em 7/8 de Maio.

Termina a guerra numa Europa em ruínas, ensanguentada por milhões de mortos, horrorizada pelos crimes nazis.

Nos anos seguintes, numa situação internacional com as forças da democracia, da paz, do socialismo e da libertação nacional fortalecidas, os trabalhadores e os povos alcançarão em todo o mundo conquistas e vitórias de valor histórico, que marcam o século XX

Salazar apoia Hitler

Salazar teve um importante papel no reforço do fascismo na Europa. O regime salazarista inspirou-se no fascismo de Mussolini e, depois, no nazismo de Hitler: partido único, censura, interdição dos sindicatos independentes, polícia política, repressão massiva, prisões e tortura. O campo de concentração do Tarrafal (1936) seguia o modelo nazi. Ajudou activamente os franquistas na guerra civil de Espanha. Salazar apoiou todas as cedências dos países ocidentais a Hitler e a Mussolini e a caminhada hitleriana para a guerra.

Saudou a invasão de Mussolini da Abissínia e a anexação da Áustria, elogiou Chamberlain pelas cedências de Munique.

Criticou a aliança antinazi – dos EUA, Inglaterra e URSS. Por detrás da proclamada «neutralidade na guerra» de Salazar, escondia-se um efectivo apoio a Hitler. Lisboa transformou-se num centro de espionagem de Hitler. A imprensa e a rádio faziam intensa propaganda nazi. Portugal forneceu para a Alemanha produtos alimentares, tecidos, volfrâmio, tudo o que tinha e interessava a Hitler para a guerra. Enquanto o povo português passava fome, fazia filas para se abastecer.

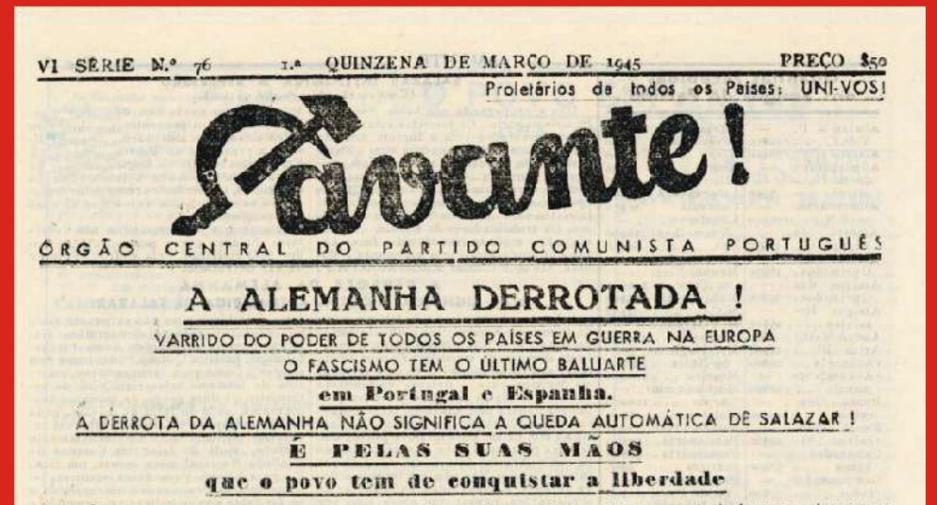
O povo português luta contra o fascismo

Os antifascistas portugueses, e em primeiro lugar os comunistas, apesar da consolidação do fascismo na Europa, não desistem da sua luta. Apoiam os republicanos espanhóis e denunciam a preparação da guerra. Desmascaram a falsa neutralidade de Salazar.

Em consequência da falta de géneros alimentares, que iam para a Alemanha, a situação das massas trabalhadoras é desesperada. As lutas começam a surgir e a desenvolver-se: contra a saída de géneros do país, por aumentos de salários, pela melhoria do abastecimento. Em Julho e Agosto de 1943 assiste-se ao maior surto grevista desde o advento do fascismo. O "Avante!", órgão central do PCP, é o único a informar livremente sobre o curso da guerra. Desenvolve-se e reforça-se a unidade antifascista. Em Janeiro de 1944 cria-se na clandestinidade o MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-fascista) de que fazem parte comunistas, católicos, socialistas, republicanos, anarquistas, liberais. Em Maio do mesmo ano têm lugar importantes lutas e greves na zona de Lisboa. É claro para o povo português que a possível derrota do nazismo poderia abrir condições favoráveis para o derrubamento do fascismo em Portugal.

Salazar desenterra a "velha aliança"

As derrotas de Hitler sucedem-se. A guerra passa a ser favorável aos aliados. Salazar, apesar de continuar sempre a esperar uma vitória nazi, é obrigado a optar e a ceder perante a pressão da Inglaterra. Primeiro cede-lhe a base dos Açores, (Outubro de 1943) depois deixa de enviar volfrâmio para a Alemanha (Junho de 1944) e, à medida que Hitler vai perdendo posições, vai-se declarando cada vez mais amigo do «velho aliado» inglês... Salazar faz concessões com vista à sobrevivência do regime.



O nazismo é derrotado, o povo português luta pela democracia

O povo português intensifica as suas lutas e exulta nas ruas, em Maio de 1945, com a vitória da coligação antinazi. Dezenas de manifestações realizam-se em todo o país. Exige-se a democracia. Mas não será assim. Os governos da Inglaterra e dos EUA salvam e «recuperam» Salazar. Portugal entrará, pela mão destes países, na NATO, em 1949. Com as armas da NATO irá conduzir guerras coloniais. Com o apoio político, económico e diplomático dos países da NATO, o fascismo irá durar mais 29 anos. Será a luta do povo português e a corajosa acção dos capitães a derrubá-lo em 25 de Abril de 1974.





PARA QUE NUNCA MAIS ACONTEÇA

Lutar pela Paz!

65 anos passados sobre o fim da guerra está mais uma vez nas mãos dos trabalhadores e dos povos do globo a possibilidade de travar a escalada bélica que lança hoje sobre a humanidade novos cortejos de horrores e impedir que o imperialismo imponha uma saída militarista para a crise do capitalismo. Está na tua mão reforçar a esperança num mundo de paz e cooperação!

65 anos após a vitória sobre o nazismo e o fascismo, as obscuras forças da guerra e da intolerância recuperam poder e influenciam governos de grandes países e potências. A corrida aos armamentos, as guerras de ocupação, a situação no Médio Oriente, as ameaças e chantagens contínuas a países e povos, a militarização das relações internacionais e o reforço das estruturas político-militares imperialistas, o desrespeito sistemático pelo direito internacional e pela carta das Nações Unidas, são parte da ofensiva em curso. As ambições de domínio mundial do grande capital associado às forças mais reaccionárias imperialistas assumem hoje uma maior dimensão e provocam novos desequilíbrios na correlação de forças mundial. Contrariamente à tão propagada teoria do fim da história, a derrocada da

União Soviética e dos processos que iniciaram a construção de sociedades socialistas no Leste da Europa, não trouxe nem a paz nem a justiça. Pelo contrário aprofundam-se contradições, catástrofes sociais e ataques sucessivos à democracia. O mundo está mais perigoso e injusto ao mesmo tempo que se aprofundam as rivalidades interimperialistas. Associadas a grandes operações de revisão e falsificação da história estão em curso violentas ofensivas contra os direitos dos trabalhadores e as conquistas democráticas, sociais e libertadoras alcançadas no Século XX – designadamente após a derrota do nazifascismo. Mas simultaneamente a resistência faz-se sentir. Cada vez mais seres humanos, aprendendo com a História, mostram consciência de que cabe às forças do progresso, aos trabalhadores e povos do mundo, a tarefa de não permitir a recriação das condições que precederam os crimes do nazismo e do fascismo. Cabe aos povos tomar nas suas mãos a reconquista da paz justa e duradoura, da justiça social, de uma nova realidade económica, social, política e cultural que recoloca o ser humano, a justiça e a paz no centro das políticas.

65 ANOS DEPOIS
comemorar a Vitória
é defender Abril
é lutar pela democracia
e pela paz
é afirmar o socialismo

Para os comunistas, comemorar os 65 anos da Vitória é também defender e afirmar Abril e o seu legado de valores e conquistas, porque com a Revolução de 25 de Abril de 1974 o povo português conquistou a sua vitória sobre o fascismo. É continuar com confiança a luta pela democracia e pelos direitos sociais, pela soberania nacional e contra a venda do País a retalho. É exigir o cumprimento da Constituição Portuguesa, que impede o envolvimento do nosso país em agressões ou projectos belicistas, como o que se pretende aprofundar com a alteração do novo conceito estratégico da NATO na cimeira que o governo português se prepara para acolher. É não apenas querer a paz, mas lutar pela paz! É afirmar o socialismo como possibilidade real e a mais sólida perspectiva de evolução da Humanidade, que evitará a catástrofe anunciada e gerada pelo capitalismo.

